

inter-relações

[ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA]

Professora titular da PUC-SP e Diretora do Centro de Pesquisas Sociossemióticas.

Coordena o Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

Publicou os livros *Neolítico: Arte Moderna* (São Paulo: Perspectiva, 1987);

Vitrinas – acidentes estéticos na cotidianeidade (São Paulo: Educ, 1997);

e *Semiótica plástica* (São Paulo: Hacker-CPS, 2004).

E-mail: anaclaudiamei@hotmail.com

Semiótica e modos de aparência

Como teoria com uma metodologia que a reflete, a semiótica oferece os mecanismos para se estudar não só como a moda propõe modos de se vestir, mas também tipos de corpos vestidos e, por correlação, como a moda faz ser o sujeito e como o sujeito opera a construção subjetiva pelo seu corpo vestido. Interessados nas operações de articulação dos sistemas do corpo e da roupa em um só processo expressivo sincrético, visamos compreender como o corpo vestido torna-se não apenas o sujeito, mas um dos seus qualificadores exponenciais, assim como da sociedade.

Como essa organização narrativa atua no mundo das experiências que fazem ser e existir o sujeito? Que tipos de narratividade roupa e corpo estabelecem entre si construindo discursos do que vestem? Que modo(s) de vida o(s) corpo(s) como moda(s) cria(m)? Que tipos de presença do corpo vestido edificam-se nas atuações do sujeito nas suas práticas sociais?

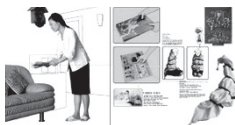
Assinalando tanto a manutenção quanto a mudança dos valores assumidos no âmbito social e no âmbito individual, a análise do corpo vestido permite estabelecer os modos do sujeito estar no mundo.

O vestir possibilita andar, movimentar o corpo, ficar parado, sentado, gesticular, enfim, constrói a postura do sujeito. Assumir uma postura equivale ao ato de assumir um papel na cena social. Ainda nos traços reiterados que delineiam a configuração do parecer do sujeito, estão os de seu grupo de pertencimento, da sociedade que permite ao estudioso depreender os estilos, as formas de apreciar, de aprazer-se, e o gosto de uma época.

O delineamento social da postura do sujeito foi tematizado de maneira sensível e instigante na reflexão artística da coreana Sanghee Song, exposta em outubro de 2006, na 27ª Bienal de São Paulo, que era intitulada *Como viver juntos* (figuras 1 a 4). A obra da artista coreana Sanghee Song era uma instalação composta de painéis fotográficos, vídeos, objetos e esculturas-máquinas, na qual o visitante circulava no interior de sua disposição quadrilátera. No espaço da instalação do terceiro andar, o visitante tinha o raro momento de ser levado a pensar como a tal figura feminina, com o seu corpo vestido de certo modo, porta-se ao se sentar em um tipo de cadeira para executar uma função, ou no chão, sobre uma almofada, na qual se movimenta ao conversar e beber, ou de pé para servir alguém que está sentado em um sofá, numa diferença entre o alto do estar de pé e o baixo do estar sentado, que exigem movimentações específicas.

Em cuidada gestualidade, o sujeito feminino é captado entre dinamismo e estabilidade numa série de painéis fotográficos. Em cada músculo desse corpo em ação, está presente uma mulher moldada segundo um guia de conduta para posicionar o seu corpo no meio social e, por essa obediência gramatical, fazê-lo ser visto como qualificador de uma cultura, da totalidade de um grupo social e de si mesma. A construção do parecer corpóreo faz-se desde as movimentações mínimas de um erguer as pálpebras, de modos de dirigir o olhar para o outro ou de desviar o olhar, evitando os do outro, de movimentos da cabeça, do tronco e dos membros, dos modos de sorrir, mostrando ou escondendo a abertura da boca que põe à mostra os dentes, enfim, um conjunto de detalhes das partes que determina um específico modo de presença. Segundo a teoria semiótica, um simulacro é modelo de um modo de estar que dá visibilidade ao sujeito no social. Como simulacro da presença do ser, esse é tomado como uma das manifestações primeiras da construção identitária que analisaremos na instalação de Sanghee Song.

Figura 1



Como viver juntos, Sanghee Song

Figura 2



Figura 3



Figura 4



A montagem fazia com que, com o seu próprio corpo, o visitante fosse conduzido a defrontar a seqüência de coerções do corpo feminino na sociedade coreana contemporânea.

A postura, a gestualidade e as mínimas expressões faciais destacam a expressividade dominada por um aprendizado que é efetuado e comandado por um destinador cultural que executa o programa do fazer ser e estar o sujeito no mundo social.

Como que preso entre essas grandes fotografias, desse interior, ele se deparava com objetos para se sentar. Ou melhor, com instrumentos para fazer o corpo e sua expressão aprenderem a se conter em um molde sentável. Destacadas dos painéis, reforçando o seu papel de molde, as máquinas de modelagem corpórea estavam aí diante dele: vazias, desocupadas, mas fazendo imaginar o seu agir torturante, operador da programação do ser e estar feminino segundo atitudes e comportamentos de uma axiologia patriarcal arcaica em plena abertura global do país.

Com esse olhar, o visitante era levado a conhecer e a perceber as formas de contensão do corpo talhado pelos objetos e pelas regras de comportamento da cultura. Ele era conduzido a refletir de que modo a construção da expressão corporal está muito distante de ser algo natural e como ela expõe o papel e o lugar da mulher na Coréia.

A série de atributos da roupa, somado ao que se calça nos pés e cobre as pernas, vão determinar a complexa

articulação entre postura, dinâmica corporal e expressividade do corpo. É vestido que o sujeito atua no seu mundo, e a vestimenta em sua sintagmática exerce um tipo de coerção sobre quem a veste como também representa a coletividade em que se insere. A adoção de trajes é um dos atributos qualificativos do sujeito e da cultura, pois o arranjo vestimentar, portado pelo sujeito no seu interagir social, explicita que molde é esse e quais papéis assim vestido ele desempenha. A cadeira, o sofá, a almofada, o vaso sanitário são objetos que se impõem ao usuário, mais do que a sua função, inclusive, o seu uso, definindo o sentar, o como estar sentado, como servir o outro sentado, o levantar-se... A combinação formal de saia de cor preta, justa, de comprimento até abaixo dos joelhos, e blusa clara, com mangas, abertura central na frente e pequenas aberturas nas costuras laterais e gola rente ao pescoço, torna essas duas peças de formato retangular delimitadoras de um corpo também retangular, que é destacado pelo cabelo preso em rabo abaixo da nuca e pelo sapato de pouco salto. Todas essas características do formato geométrico do corpo, que tende à sua verticalização, interferem no modo da mulher oriental agir no seu contexto tanto na esfera íntima quanto na pública. O seu corpo está programado para um dado agir que a faz ser.

Da aprendizagem do corpo vestido às possibilidades de descoberta de si mesmo

O que é conhecido por aprendizado, que o sujeito está envolvido desde o nascimento, o leva a agir conforme as normas. Somente por um ato de quebra das coerções normativas é que um sujeito confiante em si mesmo, ao invés de repetir reiterativamente o seu fazer, torna-se apto a intuir novos modos de estar. Entre o corpo programado que se conforma ao modelo e o corpo sensível que se entrevê transformável, edifica-se uma passagem de abertura que faz o sujeito, nas e pelas experiências, abrir-se ao mundo das possibilidades. No transcurso das vivências, o sujeito aprende que, ao lado da repetição está a possibilidade de mudança, e o seu viver faz-se na dinamicidade do repetir-se ou inovar-se. Com essa apreensão, o corpo vestido sanciona o seu possível sobrevir como uma tentativa do sujeito escapar ao apagamento do eu sobreposto pelo social, pelo cultural. Esses rompimentos e seus procedimentos definem outras formas de construção do corpo vestido.

No incessante oscilar entre continuidade e descontinuidade, variantes e invariantes, o simulacro da aparência é o conjunto de traços qualificativos que definem o sujeito no mundo, seu comportamento e atuação social. Pelos caminhos teóricos e metodológicos da semiótica, realizamos o propósito de refinar o entendimento da vestimenta como um dos mecanismos mais artificiosos da sociedade, em especial da sociedade de consumo. Ao voltar-se para a compreensão da articulação entre corpo e moda vestimentar como dois sistemas que, em seu processar sincretizado, erguem mecanismos próprios ao seu modo de fazer emergir o sentido, o alvo é contribuir para a compreensão de como o corpo vestido participa programaticamente da construção identitária ou participa libertariamente dela. Com essa orientação é que nos apoiamos para postular que as interações discursivas produzem, além de atos cognitivos e performáticos, também experiências do corpo sensível com a roupa sensível que sensibilizam outros corpos ao se realizarem no social partilhado que faz ser o sujeito vestido e aqueles que vão, por ver, se tornar vestidos.

